



O CONTO DE FADAS E SEU USO NA CLÍNICA PSICANALÍTICA COM CRIANÇAS

Aline Marcela de MORAES¹

Juliana BARACAT²

Resumo

O presente trabalho tem como objetivo verificar a aplicabilidade dos contos de fadas na clínica psicanalítica com crianças. Através do referencial da pesquisa bibliográfica de natureza qualitativa devido ao interesse em aprofundar os estudos teóricos, para tanto nos pautamos em autores que enfocam a questão dos contos de fadas na clínica psicanalítica e a contribuição dos mesmos para as crianças. Os contos possuem uma linguagem simbólica semelhante ao do inconsciente, favorecendo assim o processo de recordar, elaborar e repetir de forma adequada dando a capacidade de lidar com tais conteúdos. Traduzem as emoções, sentimentos, e condições existenciais da infância, numa linguagem simbólica que proporciona a catarse e promova um ensaio geral da vida. Na clínica psicanalítica com crianças os contos de fadas podem ser usados como recurso com intuito de abordar os conflitos da criança, disponibilizando histórias que servem de instrumento para interpretação.

Palavras-chave: contos de fadas – clínica psicanalítica – crianças

Abstract

This study aims to determine the applicability of fairy tales in the psychoanalytic clinic with children. Through the framework of literature qualitative due to the interest in deepening theoretical studies, for both we base on authors that focus on the issue of fairy tales in the psychoanalytic treatment and their contribution to the children. Fairy tales have a symbolic language similar to the unconscious, thus promoting the process of remembering, prepare and repeat appropriately giving the ability to deal with such content. Translate emotions, sentiments, and existential conditions of childhood in a symbolic language that provides catharsis and promote a dress rehearsal of life. In psychoanalytic clinic with children fairy tales can be used as a resource in order to address the child's conflicts, providing stories that serve as instruments for interpretation.

Keywords: fairy tales - psychoanalytical clinic - children

1- INTRODUÇÃO

A clínica psicanalítica com crianças e, particularmente, o uso do conto de fadas, tem a atenção de várias áreas de estudo.

¹ Discente do curso de Psicologia da FAEF- Faculdade de Ensino Superior e Formação Integral. E-mail: alinemarcela_moraes@hotmail.com

² Docente do curso de Psicologia da FAEF- Faculdade de Ensino Superior e Formação Integral. E-mail: jbaracat@hotmail.com



Obra-prima da humanidade, os contos de fadas surgiram há muitos séculos. No início não eram destinados às crianças, e só com o passar dos tempos se tornaram mais sutis. Todas essas produções recebem a influência do contexto histórico cultural e social da sua época, lançando diferentes entendimentos e estudos sobre este tema.

Sob o olhar da psicanálise, os contos de fadas são vistos como metáforas de processos psíquicos que as crianças vivem inconscientemente. Podendo assim ajudar a transmitir valores, estimular e promover os diversos aspectos do desenvolvimento infantil através da elaboração dos conflitos, favorece a estruturação da personalidade e modifica desejos e angustias, tornando-os compreensíveis (BETTELHEIM, 2002).

A partir do tema escolhido, este trabalho visa problematizar o papel terapêutico dos contos de fadas. Afinal, a partir de que momento os contos passaram a ser utilizados na clínica com crianças? Quais os pressupostos conceituais que eles articulam? A quais técnicas e finalidades eles se vinculam na clínica?

Este trabalho sustenta a hipótese de que os contos de fadas sempre exerceram função clínica. Pois trazem em suas narrativas conflitos inerentes a vivência humana, os símbolos possibilitam acessar os conteúdos do inconsciente auxiliando na elaboração dos conflitos internos.

O objetivo geral deste trabalho consiste em verificar a aplicabilidade dos contos de fadas na clínica psicanalítica com crianças. Os objetivos específicos desta pesquisa, em decorrência do objetivo geral estabelecido acima são:

- definir os conceitos e técnicas fundamentais da psicanálise com crianças;
- apontar a importância do uso dos contos de fadas no trabalho psicanalítico com crianças;

O presente trabalho utiliza o referencial da pesquisa bibliográfica de natureza qualitativa devido ao interesse em aprofundar os estudos teóricos. Utilizamos como palavras-chave: contos de fadas – clínica psicanalítica – crianças. A primeira parte do estudo foi a de leitura exploratória, definida como leitura atenta e sistemática do tema,



com o objetivo de conhecer as diferentes contribuições científicas disponíveis sobre o tema.

Procedimento será efetuado uma revisão de trabalhos científicos nas áreas dos contos de fadas na clínica com crianças; e, em nossa investigação, buscamos as seguintes bases de dados: BVS Psi, Google Acadêmico e do Scielo, bem como obras disponíveis na Biblioteca Central da FAEF.

2. DESENVOLVIMENTO TEÓRICO: CONTOS DE FADAS E PSICANÁLISE

Os contos de fadas são narrativas antigas da história da humanidade que foram transmitidas oralmente de geração em geração, fixaram-se nas paredes, pedras, cavernas, papel, viraram livros e posteriormente filmes. Adentrando na vida das pessoas.

Os contos de fadas abordavam a natureza espiritual e existencial do ser humano. Suas dificuldades, seus sentimentos, suas interrelações e suas crenças no sobrenatural (COELHO, 2000). A princípio não eram destinados às crianças, pois essas histórias falavam de adultério, canibalismo, incesto, mortes hediondas e outros componentes do imaginário do ser humano.

Os contos de fadas são histórias sempre atuais, porque são alimentadas de sabedoria prática que não envelhece, pois se fundamenta na natureza humana, nos sentimentos, medos, angústias, esperanças, alegrias e esses aspectos continuam os mesmos, independente do século.

Na clínica psicanalítica contemporânea, é comum o uso de histórias infantis com crianças e adultos para diagnóstico e tratamento (BETTELHEIM, 2002).

Os contos de fadas traduzem as emoções, sentimentos, e condições existenciais da infância, numa linguagem simbólica que proporciona a catarse e promova um ensaio geral da vida.

Segundo Caldin (2004), na terapia, o narrador, após a história, deve incentivar a criança a trocar ideias e a realizar um exercício de reflexão entre o real e o imaginário.



Os contos de fadas eram amplamente usados na medicina hindu como método terapêutico de tratamento para pessoas que apresentavam problemas mentais com o objetivo de estimular a meditação (HISADA, 1998). Isso mostra que o efeito terapêutico do uso dos contos já era compreendido na cultura oriental.

Freud (1976), ao estudar o sonho como fenômeno humano universal, destacou a semelhança da criação onírica com os mitos e contos de fadas. Para ele, a semelhança está no fato de se utilizarem de uma linguagem coletiva, os símbolos, abordando conflitos da humanidade. Uma língua em que o mundo exterior torna-se símbolo do mundo interior e que pode ser encontrada em todas as culturas.

Segundo Corso e Corso (2006), os contos de fadas aumentam a possibilidade de cada indivíduo pensar sobre sua própria existência sob pontos de vista diferentes, assim, encontrando nas tramas maneiras distintas de resolverem seus conflitos internos.

As pessoas escolhem os contos que trazem enredos semelhantes aos seus conflitos, porém, preferem aqueles que não o fazem de forma direta. Exemplo a mãe má como uma bruxa, na branca de neve.

Eles remetem diretamente ao foco do dilema, a necessidade de ser amado, o medo de se perder, as angústias de uma personalidade em formação, as ambivalências de sentimentos, apresentando assim as resoluções de tais dilemas de um ponto de vista, que a criança consiga enxergá-lo.

A psicoterapia psicanalítica com crianças utiliza o mesmo método do adulto, interpretação. E faz uso das mesmas técnicas: o setting, a atenção flutuante, a associação livre, o manejo da transferência e resistência, aumentando uma que é fundamental, a do brincar.

Tudo começou após Freud revelar a neurose infantil produzida na análise de um paciente adulto. Freud observou no atendimento de adultos que as causas dos transtornos se localizavam em fatos da infância.

Confirmou seu raciocínio após atender um menino de cinco anos, o conhecido caso de O Pequeno Hans (BLINDER; KNOBEL; SIQUIER, 2011). O sucesso terapêutico ocorrido com o menino foi o passo inicial para a psicanálise de crianças.



A grande contribuinte da psicanálise com crianças Melanie Klein atestava que a capacidade de transferência é espontânea, existindo a positiva e a negativa e ambas devem ser interpretadas, não transformando o analista um educador (ABERASTURY, 1982).

Ainda segundo Aberastury, (1982, p. 48), “O brinquedo permite à criança vencer o medo aos perigos internos; faz possível uma prova do mundo real, sendo por isso uma ponte entre a fantasia e a realidade”.

Anna Freud desenvolveu seu trabalho com técnicas diferentes mais pedagógicas de caráter mais educativo, pois entendia que a criança tem o superego imaturo, ainda dependente dos objetos exteriores que o originaram. Não acreditava na existência de uma neurose de transferência. Sua preocupação era criar um vínculo forte e positivo para prosseguir o tratamento. Tinha o jogo como uma forma de resistência e colocava que ele não substitui a associação livre. Fazia uso da interpretação dos sonhos e desenhos (ABERASTURY, 1982).

O brincar é valioso para atendimento na clínica psicanalítica com crianças, pois traz vivências da criança carregada de significado. Segundo Aberastury (1982), através do brincar a criança elabora acontecimentos traumáticos para o ego expressando suas fantasias e desejos de forma simbólica.

Uma das finalidades do brincar é identificar a fase que esta criança se encontra, respeitar esse lugar e compreender as razões de estar ali. O brincar expõe aspectos inconscientes da criança e devido a isso é interpretativo. Através da brincadeira a criança disponibiliza informações sobre sua relação a regras, modo de lidar com frustrações, impulsividades, comportamentos dependentes e independentes, aprendizagem, interação. É papel do terapeuta “ler” os deslocamentos, condensações e projeções que a criança expressa através do brincar e compreender como estes mecanismos atuam naquele pequeno indivíduo (BLINDER; KNOBEL; SIQUIER, 2011).

Assim como na associação livre, o desenho é mais eficaz quando a criança desenha livremente, não deixando de observar suas expressões e falas enquanto desenha



(ABERASTURY, 1982). Lembrando que nem o brincar nem o desenho são explicados totalmente necessitando do falar para esclarecer pontos ocultos.

Esse medo das crianças expresso em sonhos constitui de vivências do dia, seja de leitura, TV, brincadeiras. O mundo imaginário da criança transforma e desenvolve continuamente, porém faz uso dos antigos mitos criados pela humanidade a fim de lidar com dilemas da vida, da morte, o sexo e os pais (BLINDER; KNOBEL; SIQUIER, 2011).

O conto de fadas contribuiu para analisar os fantasmas da puberdade feminina. Permitindo exprimir os problemas com que todo ser humano se depara e das quais as respostas lhe são descobertos e encobertos ao mesmo tempo (BLINDER; KNOBEL; SIQUIER, 2011).

Gutfreind (2004) relata que os contos de fadas modifica a mente da criança uma vez que ela livra-se da dureza da realidade abrindo espaço para imaginação e criando ela pode brincar com temas de sua realidade psíquica, muitas vezes difícil como a morte, separação, a rivalidade, abandono e o amor. Além de demonstrar os desejos inconscientes. É o modo de expressão mais próximo do utilizado pela criança na organização, elaboração e superação de seus conflitos internos.

Quando a trama do conto de fadas se ajusta às necessidades da criança, é comum que ela a escute com atenção e peça para repetir a narração até os conteúdos inconscientes possam ser elaborados (BETTELHEIM, 2002).

Os contos de fadas funcionam como válvula de escape e possibilita que a criança vivencie seus problemas psíquicos de modo simbólico, saindo mais preparado dessa experiência.

Os contos de fadas podem ser aplicados na sessão terapêutica como mediador entre o mundo psíquico e a realidade externa da criança. Como uma possibilidade de intervenção em seu processo de desenvolvimento. Agindo, de certa maneira, como prevenção para que não refugie em uma sistematização defensiva patológica (HISADA, 1998; RADINO, 2003).

Os contos de fadas operam como roteiros que auxiliam a criança na busca e na elucidação de seus espaços na família e no contexto social (CORSO e CORSO, 2006).



Rosa (2008) utilizava contos de fadas e histórias literárias na clínica com crianças e adolescentes, adotados ou não, para facilitar na elaboração e ressignificação das fantasias que, por vezes, aprisiona o sujeito em uma trama paralisante e sintomatizante. Prestes (2008) relata a importância do conto de fadas junto à clínica tratando sobre abandono, acolhimento, adoção e rejeição.

Gillig (1999) faz uso dos contos de fadas com efeitos pedagógicos, sem desconsiderar as vantagens no âmbito da psique, identificação, gerenciar a angústia e introduzir no ambiente da escrita. Destaca ainda que o conto de fadas, na psicopedagogia possibilita a criança capacidade de se projetar para crescer e ressignificar as dificuldades para ler e escrever.

Gutfreind (2004) empregando o conto de fadas como mediador na psicoterapia infantil evidenciou melhoras nos transtornos de conduta apresentadas pelas crianças francesas após frequentarem a atelier de contos. Proporciona alento para o padecimento psíquico das crianças envolvidas por situações, como carência afetiva ou ruptura prolongada com os pais. Ocorreu um progresso geral na capacidade de elaborar relatos, encenar os afetos, o desenvolver do imaginário, a possibilidade de expressar e elaborar conflitos, ligados especialmente, a superação e a carência. O autor relata outro estudo desenvolvido na cidade de Porto Alegre com crianças que apresentam transtornos de aprendizagem em escolas comunitárias. Posiciona como positivo os primeiros resultados, pois demonstram como as crianças se tornaram mais atentas, menos hiperativas e mais abertas aos processos de aprendizagem.

O conto de fadas como recurso terapêutico pode ser utilizado pelo psicólogo no contexto hospitalar, sendo útil para amenizar o sofrimento, a possibilidade de transformação da realidade, fortalecimento do ego e organização das estruturas psíquicas (ROMARO e FERNADES, 2011).

Sendo usados também em terapia de grupo com crianças e adolescentes em situação de abrigo foi possível observar mudanças no comportamento, melhor cooperação e diminuição das agressões verbais (GODOI e CHACON, 2011).

Santos (2008) em seu trabalho fez uso dos contos de fadas como mediador na relação terapêutica e verificou a eficácia em Barnabé, um menino institucionalizado



com uma desarmonia evolutiva, a expressar seus sentimentos e a elaborar aspectos do seu sofrimento psíquico ligado a sua história de vida, por meio da simbolização e da reparação e por sua vez amenizou os aspectos traumatizantes do seu passado.

Menezes e Silva (s.d.) confirmaram a importância dos contos de fadas na clínica Psicanalítica com Helena, seis anos, diagnosticada com vitiligo. Seus pais procuram ajuda psicológica para acompanhamento devido à imagem corporal afetada sente-se feia e envergonhada perante amigos e familiares. Por mediação dos contos de fadas a menina pode ressignificar as lesões dermatológicas, as inibições e manifestações do sofrimento. Sua melhora durante período de acompanhamento era evidenciada ao expressar ludicamente suas dificuldades, ao verbalizar sobre seus medos e anseios, esclarecendo o sentido de suas representações e verificamos um re-posicionamento de seu personagem frente a si próprio e ao outro. Helena conseguiu superar seu sofrimento psíquico e avançar para uma aceitação e integração madura do Eu, o que refletiu nos seus laços afetivos e sociais.

Sbardelotto e Donelli (2014) aplicaram os contos de fadas como mediador em crianças, pacientes de um ambulatório de Saúde Mental, sugerido por dificuldades na aprendizagem e relacionamento social. Sendo verificado que os contos de fadas auxiliaram significativamente no desenvolvimento da capacidade de imaginação e simbolização das crianças. Permitindo concluir que o grupo de contos de fadas propiciou a melhora nas queixas de cada criança, especialmente a agressividade e a ansiedade, além de ajudar no desenvolvimento dos processos de simbolização.

Zatti (2014) aplicou um estudo de caso com crianças em uma creche comunitária. O projeto ateliê de contos corroborou a importância dos contos de fadas como mediadores no processo de criatividade e crescimento psíquico das crianças, a partir da fantasia e da imaginação. Elaboração de conflitos, promoção de saúde mental e no processo de socialização e formação subjetiva; Chauí (1984) trabalha e pesquisa o conteúdo desses contos de fadas no atendimento a crianças vítimas de abuso sexual. Os contos funcionam como uma espécie de “rito de passagem”, a ajudar a criança a administrar o presente, a preparar-se para adversidades futuras e a separar-se do seu ciclo familiar, por conseguinte, seu ingresso no âmbito adulto.



Schneider (2008) desenvolve uma pesquisa com uma oficina de contos de fadas como mediador terapêutico com crianças asmáticas. E assim, ratifica que os contos de fadas caracterizam-se em espaços potenciais, sendo úteis no auxílio aos processos de identificação, simbolização e pensamento, apresenta forma criativa de ajudar as crianças na resolução de suas dificuldades e na procura de avanço para seu mundo interno.

Santos (2011) realiza um projeto de estudo no abrigo do Rio de Janeiro com crianças do sexo feminino. Notou-se que as crianças, por meio dos contos de fadas organizam seus sentimentos, conflitos internos se modificam, possibilidades surgem com criatividade, propicia a estruturação da individuação da criança, a melhora da autoestima e autoconfiança, tanto quanto propicia melhor a expressão afetividade. Confirmando a importância dos contos de fadas como ferramenta terapêutica.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

As análises realizadas com base na literatura mostram a possibilidade de por meio dos contos de fadas a psicoterapia poder interferir positivamente no desenvolvimento da criança, uma vez que acessam as fixações e experiências mais intensas reprimidas causadores da perturbação do curso natural de seu desenvolvimento.

O valor terapêutico dos contos de fadas está em possibilitar que as crianças transmitam em palavras ou desenhos experiências traumatizante, mostrando ser a narrativa um meio capaz de produzir sentidos, transformar histórias de vida, progredir no processo de aprendizagem, dizer dos seus sintomas, suas dores, suas angústias, seus fracassos, suas perdas, seu ciúme e seus medos.

Na clínica psicanalítica com crianças os contos de fadas podem ser usados como recurso com intuito de abordar os conflitos da criança, disponibilizando histórias que servem de instrumento para interpretação. As narrativas propiciam as crianças reconhecer o que ela traz em seu interior, e dessa maneira, os desejos inaceitáveis



Faculdade de Ensino Superior e Formação Integral- FAEF
podem se tornar aceitáveis, uma vez que possibilitam encenar os dramas e, assim,
refletir sobre eles.

4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABERASTURY, A. **PSICANÁLISE DA CRIANÇA: teoria e técnica**. Ed. Artes Médicas. Porto Alegre, 1982.

BETTELHEIM, B. **A PSICANÁLISE DOS CONTOS DE FADAS**. Paz e Terra, 2002.

BLINDER, C.; KNOBEL, J. ; SIQUIER, M. L. **Clínica psicanalítica com crianças**. São Paulo: Ed. Ideias & Letras, 2011.

CALDIN, C. F. A aplicabilidade de textos literários para crianças. **Encontros Bibbi: Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, 18, 72-89, 2004.

COELHO, N. N. **Literatura infantil**. São Paulo: Ed. Moderna, 2000.

CORSO, D. L., CORSO, M., **A PSICANÁLISE NA TERRA DO NUNCA: ensaios sobre a Fantasia**. São Paulo. Artmed, 2011.

CORSO, D. L., CORSO, M. **Fadas no divã: psicanálise nas histórias infantis**. Porto Alegre: Artmed, 2006.

CORSO, D. L., CORSO, M. **A infância invade o conto de fadas**. Cadernos da Apropa, 134, 43-48, 2005.

CHAUÍ, M. **Repressão sexual: essa moça (des)conhecida**. Ed. Brasiliense, 1984.

KUPSTAS Márcia. et ali. **Sete faces do conto de fadas**. São Paulo. Moderna, 1993. (Coleção Veredas)

FREUD, S. **A interpretação dos sonhos**. In: FREUD, S. Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud. vols. 4 e 5. Rio de Janeiro: Imago, 1976. p. 02-345.

GILLIG, J.M. **O conto na psicopedagogia**. Porto alegre: Artmed. 1999.

GODOI, V. C. e CHACON, M.C. M. **Os contos de fadas como recurso terapêutico no cuidado de crianças e adolescentes em orfanatos**. 2012.



GUTFRIEND, C. Contos e desenvolvimento psíquico. **Viver Mente & Cérebro**, 142, 24-29. 2004.

HISADA, S. **A utilização de histórias no processo psicoterápico: uma visão winnicottiana**. Rio de Janeiro: Revinter. 1998.

MENEZES, R. de L. C. de; SILVA, R. C. M. P. da. **O conto de fadas como instrumento mediacional na clínica psicológica com crianças**. UFPB.

PRESTES, A. B., Abandono, acolhimento, adoção: rejeição e redenção na literatura infantil. **Fazendo Gênero 8. Corpo, Violência e Poder**, 2008.

RADINO, G. **Contos de fadas e a realidade psíquica**: A importância da fantasia no desenvolvimento. Assis: Casa do Psicólogo, 2003.

ROMARO, R. A.; FERNANDES, F. E. de S. **O conto de fada como recurso terapêutico no contexto hospitalar**. Disponível em: <http://www.profala.com/artpsico114.htm> Acesso em 12 de setembro de 2015.

ROSA, D. B. A narratividade da experiência adotiva – Fantasias que envolva a adoção. **Psicologia Clínica**, Rio de Janeiro, Vol. 20, N.1, p. 97-110, 2008.

SANTOS, F. de S. **Barnabé: Estudo de Caso A Institucionalização e o conto de Fadas na Psicoterapia de Inspiração Psicanalítica**, Porto, 2008.

SANTOS, M. O. dos. **Os contos de fadas e o processo de individuação das crianças**. Rio de Janeiro. 2011.

SBARDELOTTO, F. C.; DONELLI, T. M. S. Entre bruxas e lobos: o uso dos contos de fadas na psicoterapia de grupo com crianças. **Contextos Clínicos**, 7: 37-48, janeiro-junho, 2014.

SCHENEIDER, R. E. F., TOROSSIAN, S. D. CONTOS DE FADAS: de sua origem à clínica contemporânea. **Psicologia em Revista**, Belo Horizonte, V.15, N.2, p.132-148, ago. 2009.

SCHENEIDER, R. E. F. Oficina de contos de fadas: uma intervenção com crianças asmáticas, a partir do enfoque Winnicottiano. São Leopoldo, 2008.

ZATTI, C. A importância dos contos de fadas como instrumento de trabalho para a psicoterapia infantil. **Revista da sociedade de Psicologia do rio Grande do sul**. Set/dez 2014.